



Maria Rainha dos Corações

Boletim Informativo nº 102 - Setembro/Outubro de 2019



10ª PEREGRINAÇÃO A APARECIDA
Juntos rezando pelo Brasil



Na 10ª Peregrinação, homenagem musical a Nossa Senhora



Neste ano a Peregrinação contou com um elemento a mais que a todos encantou: uma especial homenagem musical a Nossa Senhora Aparecida, no Auditório Padre Noé Sotillo, com a participação ativa e entusiasmada dos peregrinos, que superlotaram o auditório.





ARAUTOS DO EVANGELHO

Associação Privada
Internacional de Fiéis
de Direito Pontifício

**Boletim informativo bimestral do
Apostolado do Oratório
Maria, Rainha dos Corações
nº 102, Setembro/Outubro 2019**

Assistente espiritual
Pe. Antônio Guerra, EP

Endereço para contato:
Rua Maria Amália Lopes de
Azevedo, 460 - Vila Albertina
CEP 02350-000 - São Paulo - SP
Tel./Fax (11) 2973-9477



(11) 98872-1366
(somente mensagens)

atendimento.oratorio@arautos.org.br
oratorio.secretaria@arautos.com.br

<http://oratorio.blog.arautos.org>
www.arautos.org

**Serviço de atendimento
ao participante:**

(11) 2973-9477
(Nos dias úteis
das 8h30min às 16h)

**Boletim de circulação interna
VENDA PROIBIDA**

Editorial

Como será a Igreja no século XXI?

Nada no mundo é tão misterioso quanto a Igreja. Ela constitui um extraordinário e belíssimo mistério da graça, elevado muito acima do universo material. Embora composta por homens, a Igreja possui, entretanto, uma origem, uma essência e uma vida toda divina, por ser o Corpo Místico de Cristo.

Vivendo em meio às lutas e dificuldades dos homens, ela nunca se deixa manchar pelas ações deles. Ao passar por períodos de terríveis crises, a Esposa de Cristo ressurge rejuvenescida, engalanada com novos títulos de glória. De cada chaga reluz uma joia.

Após uma misteriosa renovação, para cujo processo a Igreja encontra em si toda a vitalidade necessária, sua perfeição se vê fortalecida e enriquecida precisamente naqueles pontos em que mais se procurou desonrá-la.

Depois da sua fundação a Igreja teve de enfrentar diversas heresias ao longo dos séculos. Entretanto, do combate a cada uma delas a Esposa de Cristo saiu ainda mais robustecida na sua fé e acri-solada na sua doutrina.

Assim, qual será a fisionomia da Igreja no século XXI? Só o futuro o dirá, mas desde já podemos deduzir, de suas atuais tribulações, os aspectos dela que mais reluzirão após seu reerguimento: ela se encontrará marcada pela fidelidade de seus filhos, brilhará pela integridade de seus ministros, será honrada por todas as nações e virá um período de vitória como ela jamais conheceu. Raiará sobre ela o Sol da Justiça, revelando-a como vencedora, pronta para novos triunfos (cf. Ap 6, 2).

Final, aconteça o que acontecer, a Igreja tem a promessa divina de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela (cf. Mt 16, 18)!

Representação da parábola do pobre Lázaro - Catedral de Santa Catharina, Colônia (Gravado por F. Borchart (c. 1300))



Ricos ou pobres, seremos julgados segundo o amor

Mons. João
Scognamiglio
Clá Dias, EP



Na parábola do pobre Lázaro, Nosso Senhor nos ensina que não é a fortuna ou a miséria que nos prepara o consolo na eternidade, mas sim as disposições de nossa alma em relação à vontade de Deus.

Independente de nossa situação pecuniária, sejamos ricos ou pobres, seremos julgados após a morte em função do amor a Deus e a si mesmo, da despreensão ou do apego com que cada um se portou em relação à condição em que vivia. Ora, todos nós morreremos, e seremos julgados. Assim sendo, precisamos pôr nossa atenção em nosso destino final, a eternidade, onde há dois “portos” para desembarcar: o Céu e o inferno.

O valor da Eucaristia

Para alcançarmos o jubilo eterno, necessitamos nos preparar, procurando não as satisfações passageiras e frutivas, mas as alegrias que nos unem a Deus. Devemos frequentar assiduamente os sacramentos, sobretudo a Eucaristia. Nosso Senhor disse: “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna” (Jo 6, 54). A nós foi dada a possibilidade de nos aproximarmos todos os dias da Eucaristia, penhor de salvação, banquete invocado até pelos Anjos!

“Quem reza, certamente se salva”

Além disso, para trilharmos o caminho do desprendimento completo, precisamos de muita graça e, portanto, de muita oração. Deixar-se tomar pela preocupação com as coisas materiais a ponto de não sobrar tempo para rezar pode comprometer a salvação de nossa alma, porque é nesse contato com Deus que obtemos graças especiais para perseverar no bem e evitarmos o inferno. Como ensina Santo Afonso Maria de Ligório, “quem reza, certamente se salva, e quem não reza, certamente será condenado”.



**Mons. João Clá dando a bênção
com o Santíssimo Sacramento na
Solenidade de Corpus Christi,
20 de junho de 2019**

O nosso coração precisa estar de tal forma preenchido por um apreço enorme pelo Céu, que os afazeres e bens deste mundo só nos interessem na medida em que sejam úteis para o apostolado e para nos manter no desejo de sermos santos. O desprendimento total é o fundo de quadro para contemplarmos as maravilhas da nossa Fé e vivermos com o olhar posto no sobrenatural.

Se não somos desapegados e flexíveis, e temos alguns defeitos, o que fazer? Rezar, pedindo a Nossa Senhora forças para combatermos a vaidade, os apegos, o egoísmo, e mudarmos inteiramente nossa mentalidade. Assim alcançaremos o convívio com os Santos, os pobres de espírito que hoje estão na riqueza faustosa da eternidade.

Dr. Plínio Corrêa de Oliveira na década de 1940 / Reprodução



Varão católico apostólico romano!

Plínio Corrêa de Oliveira



Em virtude de uma graça especial concedida por Deus, à medida que eu conhecia a Igreja, a ela me unia sem discutir, com uma adesão serena e profunda. E quando soube haver gente que colocava em dúvida a divindade e a própria existência de Nosso Senhor, pensei: “Mas terão perdido o bom senso? Basta considerar uma imagem piedosa d’Ele, para perceber tratar-se de uma realidade. Para alguém poder inventá-Lo, precisaria ser maior do que Ele. Ora, ninguém pode ser maior que Jesus Cristo; portanto, não foi inventado”.

Um modo de pensar, fazer e sentir

Pelo auxílio de Nossa Senhora, nunca fui capaz de pronunciar sem entusiasmo a palavra *católico*. Lembro-me de mim, ainda pequeno, refletindo: “Curioso, a palavra *católico* parece uma música”.

Note-se que eu desconhecia a origem grega do termo, e o seu significado de *universal*. Porém, me encantava: “Que linda palavra! Ca-tó-lico. Três notas: o forte do ‘A’ começa irrompendo e proclamando. Depois o ‘Ó’ exclama, estando no píncaro. E o ‘I’ termina com delicadeza. Que palavra a meu gosto!”

Em seguida, pensava: “Mas já tenho ouvido falar de católico apostólico romano. Quer dizer que isso constitui um conjunto só. *Apostólico* parece uma reedição de católico, apresentada por outro lado, como uma guirlanda que desce, aumenta de comprimento e sobe. Romano – eu nem sequer relacionava com Roma – dá ideia de algo forte, sério, sólido e bom. Romano! Tenho a impressão de um rio que corre sob um arco, as águas passam,

fluem, mas a ponte permanece. Romano! Perguntarei a mamãe o que significa tudo isso”.

Recebi de Da. Lucília a explicação desejada, adequada à mentalidade de uma criança, mas fornecendo as noções precisas. Tendo ela me falado do Pontífice Romano, compreendi a importância do Vigário de Cristo, e então nasceu meu entusiasmo pela infalibilidade papal. Pensei: “Que belas palavras! Pontífice Romano. Ele se acha no mais alto, é infalível, ordena e todos obedecem. Ah! Ser católico é uma coisa excelente! Não há igual. É o píncaro!”

E Nossa Senhora me ajudou a dar-me conta de que a fé era indispensável, celeste e admirável; porém, não bastava crer. Era preciso ter o estado de espírito, a mentalidade, o modo de pensar, fazer e sentir católicos. Eu tendia para essa postura de alma e não desejava outra coisa senão ser, inteiramente, católico apostólico romano!

Convicto estava eu de que a Igreja é a coluna do mundo, da ordem temporal, da ordem civil e da ordem moral. E de que, portanto, somente da doutrina, dos mandamentos e dos ensinamentos dela poderia decorrer a solução da crise social, política e moral em que vai soçobrando a humanidade.

Quando esta convicção se estabeleceu no meu espírito, quando compreendi que na Santa Igreja todas as coisas se imbricam de modo tão lógico e perfeito que só ela é a única verdadeira, então meu ato de fé se explicitou em toda a sua extensão: “Creio na Santa Igreja Católica Apostólica Romana!”

Dias de alegria e con



10ª PEREGRINAÇÃO

“Essa foi a melhor e mais abençoada peregrinação com os Arautos de que participei!”, comentou entusiasmado um coordenador. *“Que é isto? Que movimento é este? Quem são vocês?”*, perguntava uma senhora capixaba, que ainda não nos conhecia, extasiada diante do entusiasmo com que se desenrolava a seus olhos a procissão luminosa.

Essas e outras repercussões denotam o excepcional clima de graças com que a Providência se dignou cumular essa 10ª Peregrinação do Apostolado do Oratório a Aparecida.

Clima de graças que nos fez sentir quão real é aquela frase da Escritura: *“Oh, como é bom, como é agradável para irmãos unidos viverem*

**Pe. Antônio
Guerra, EP**



juntos” (Sl 132, 1), ou aquele outro pensamento de Dona Lucilia, mãe do Dr. Plínio, mestre do Mons João Clá: *“Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem!”*

Com efeito, foram dois dias de convívio fraterno aos pés da Santa Mãe de Deus, em que pudemos rever velhos amigos, coordenadores e membros ao Apostolado do Oratório de todo o Brasil, conhecer novos, com os quais até então só tínhamos contato através das redes sociais. Todos saímos com a alma cheia de alegria, prontos para divulgar, com ainda maior fervor, o Santíssimo Nome de Maria, através de seu Oratório, por todo o Brasil.

Convívio fraterno!



Basílica Velha – Missa presidida por D. Orlando Brandes, Arcebispo de Aparecida



Procissão Luminosa – Após a Missa na Basílica Velha, os integrantes do Apostolado do Oratório rezaram o terço durante a procissão na Passarela da Fé portando velas e tochas, terminando diante do Santuário Nacional (foto maior, no alto).





Juntos rezando pelo Brasil

A 10ª Peregrinação do Apostolado do Oratório iniciou-se no dia 9/8, sexta-feira, com a assistência à Missa oficial das 18 horas na Basílica Velha, presidida por D. Orlando Brandes, Arcebispo de Aparecida, seguida da tradicional procissão luminosa pela Passarela da Fé, até a Basílica Nova, com a reza do terço ao som de cânticos e brados marianos.

No dia seguinte, sábado, desde cedo os peregrinos começaram a afluir para a Esplanada dos Doze Apóstolos onde, às 8 horas, houve a recitação do terço seguido de uma Oração a Nossa Senhora Aparecida, especialmente composta para a ocasião.

Neste ano o programa contou com um elemento a mais, que muito agradou a todos: uma especial homenagem musical a Nossa Senhora Aparecida, no Auditório Padre Noé Sotillo, com a presença de todos os participantes, que apinhavam o auditório.

O ponto alto, como sempre, foi a solene Celebração Eucarística no altar-mor do Santuário Nacional, presidida por D. Benedito Beni dos Santos, Administrador Apostólico da Diocese de Lorena (SP) e concelebrada por dezenas de sacerdotes Arautos.



**Esplanada dos
12 Apóstolos** – No
sábado, 9 de agosto,
a imagem da
Padroeira do Brasil
entrou em solene
cortejo e presidiu a
recitação do terço.



Santuário Nacional – Missa
presidida por Dom Benedito Beni
dos Santos e concelebrada por
dezenas de sacerdotes Arautos.





Delegações de todo o País

Vindas de diversas cidades e paróquias de todo o Brasil, as delegações dos Grupos do Apostolado do Oratório exibiam, com orgulho e alegria, faixas que os identificavam.



Nazaré Paulista (SP)

Paróquia S. Rita de Cássia



Paróquia N.S. de Nazaré



Itaí (SP) e Brasília de Minas (MG)



Herculândia (SP)



Cruzeiro (SP)



Cascavel (PR)



São Paulo (SP), bairro Sapopemba



Sumaré (SP)



Monnerat (RJ)



Italva (RJ)

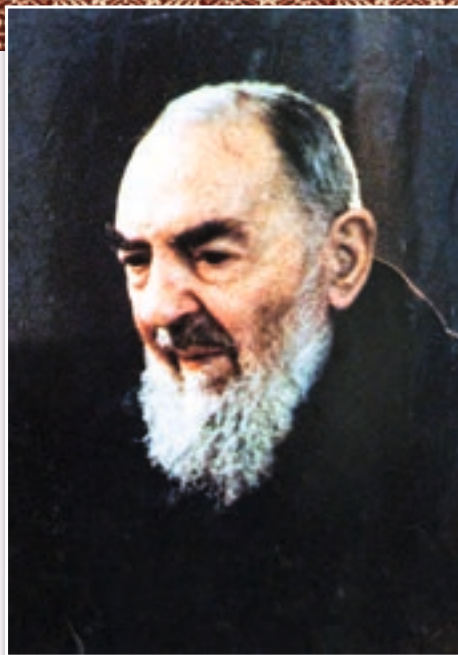


Laje do Muriaé (RJ)

São Pio de Pietrecina

Cruz, perseguição e glória

Pe. Fernando
Gioia Otero, EP



Aos 25 de maio de 1887 nasceu o menino Francisco na pequena cidade agrícola de Pietrelcina, na região da Campânia, Itália.

O pequeno gostava de rezar e amiúde exercia o ofício de coroinha na paróquia. Em tenra idade manifestou aos pais seu desejo de ser frade capuchinho. Aos cinco anos o menino começou a ser favorecido com fenômenos místicos, como êxtases e aparições. Embora fosse em muitos aspectos uma criança comum, nem sempre ia brincar com os outros meninos de sua idade, porque muitos blasfemavam ou eram libertinos e ele jamais pronunciou palavras indecorosas.

Em janeiro de 1903, antes mesmo de completar dezesseis anos, ingressou como noviço no convento de Morcone, recebendo o nome de Frei Pio de Pietrelcina.

No momento da partida, sua mãe lhe disse: “Meu filho, meu coração está esstraçalhado. Mas não penses agora na dor de tua mãe; se São Francisco te chamou, vai em paz”.

A profissão solene deu-se no dia 27 de janeiro de 1907. Contudo, uma misteriosa enfermidade o obrigou a retornar a Pietrelcina em maio. O demônio queria arrancá-lo das mãos de Jesus, enquanto ele ardia em desejo de ser sacerdote.

Em 10 de agosto de 1910, foi ordenado na Catedral de Benevento.

Confessor com extraordinários carismas

Em 1916 retornou afinal à vida comunitária, desta vez no convento de San Giovanni Rotondo. Não demorou para que inúmeras almas necessitadas de orientação

espiritual começassem a procurar o novo frade no convento de San Giovanni Rotondo. Seu principal conselho era claro e simples: Comunhão e Confissão frequentes. As visões celestiais da infância voltaram e se tornaram habituais. Ele mesmo contava aos diretores espirituais, com toda a simplicidade: “Nosso Senhor me apareceu...” ou “Jesus veio e me disse...”

Favorecido com o dom do discernimento dos espíritos, via o que se passava no interior das almas e nas consciências. Por esse motivo, as filas para seu confessionário se tornaram tão longas que foi preciso distribuir números para ordená-las. Também possuía o conhecimento infuso das línguas estrangeiras e o dom da bilocação, entre muitos outros carismas extraordinários.

Início de um doloroso calvário

No ano de 1918 Padre Pio recebeu em seu corpo – mãos, pés e costado – os estigmas de Cristo. As feridas sangravam regularmente, sem cicatrizar ou provocar infecção alguma.

Embora São Pio tentasse escondê-los, a notícia dos estigmas se espalhou de maneira assombrosa para os padrões da época. O convento de San Giovanni Rotondo passou a ser assediado por multidões que queriam confessar com o capuchinho estigmatizado ou desejavam vê-lo celebrar a Santa Missa.

Invejas e incompreensões desatam a perseguição

Tendo crescido a celebridade do Santo a ponto de alcançar os jornais mais famosos da época, levantaram-se contra ele, e contra os frades de seu entorno, a inveja, a incompreensão e a calúnia.

Dom Pasquale Gagliardi, Arcebispo de Manfredônia, em cuja jurisdição se encontra o convento de San Giovanni Rotondo, juntamente com alguns padres da diocese, reuniram documentos e fizeram denúncias ao Santo Ofício, que acabou por proibir o Padre Pio de mostrar suas chagas, rezar a Missa em público e de ouvir confissões.

Em 14 de julho de 1933, o Santo Ofício amenizou as proibições, autorizando-o a celebrar a Santa Missa na igreja do convento e a confessar os religiosos fora do templo. Mas, em 1960, a infeliz redação de um informe do Vaticano fez eclodir uma avalanche publicitária: em um mês circularam mais de oitocentas notícias contra São Pio, em toda a Itália! A reabilitação completa do Padre Pio veio apenas em 1964 quando Paulo VI o autorizou a voltar ao seu ministério em plena liberdade.

O triunfo do Padre Pio

Em 20 de setembro de 1968, quinquagésimo aniversário de sua estigmatização, o Padre Pio percebe que está próximo o seu fim.

Às duas horas da madrugada do dia 23, depois de receber a Unção dos Enfermos, com o rosário nas mãos e nos lábios os nomes de Jesus e Maria, sua alma voou ao Céu. Tinha oitenta e um anos. Uma imensa quantidade de pessoas correu para venerar aqueles santos restos. E narram as crônicas do convento que ali não se deu “o funeral, mas sim o triunfo do Padre Pio”. Começava, na eternidade, a vida de um dos Santos mais cultuados atualmente na Itália e no mundo todo.



“Eu sou a Senhora do Rosário”

Em 13 de outubro de 1917,
Nossa Senhora revelou ao
três pastorinhos de
Fátima quem era Ela

“— *Que é que Vossemecê me quer?*

“— *Quero dizer-te que façam aqui
uma capela em minha honra, que sou
a Senhora do Rosário, que continuem
sempre a rezar o Terço todos os dias.*

*A guerra vai acabar e os militares
voltarão em breve para suas casas.*

“— *Eu tinha muitas coisas para
Lhe pedir: se curava uns doentes e se
convertia uns pecadores, etc.*

“— *Uns, sim; outros, não. É preciso
que se emendem, que peçam perdão
dos seus pecados.*

“E tomando um aspecto mais triste:

“— *Não ofendam mais a Deus Nosso
Senhor que já está muito ofendido.*

“E, abrindo as mãos, fê-las refletir
no sol. E enquanto que Se elevava,
continuava o reflexo da sua própria luz
a projetar-se no sol”.

IRMÃ LÚCIA